

A bagunça eleitoral

CORREIO BRAZILIENSE

**JOSÉ SARNEY**

Senador do Amapá pelo PMDB. Foi presidente da República

Este fim de semana é a Torre de Babel das convenções partidárias. Confesso que na minha vida pública, 50 anos, presenciei muitas eleições, mas nenhuma tão tumultuada, incerta, confusa na legislação e na organização partidária, quanto esta.

Se os números das pesquisas oferecem uma clareza de intenção do eleitor com o presidente Lula isolado na frente, o mesmo não ocorre com os partidos. Ninguém sabe, num país de tantas diversidades sociais, políticas, econômicas, com quem vai aliar-se.

Uma idéia que deve ter nascido pensan-

do tratar-se de um avanço, a verticalização, provocou uma confusão tão grande, uma balbúrdia de tamanha grandeza que desmontou o sistema partidário. Tudo isso para quê? Lembremos o velho Ascenso Ferreira no seu poema sobre o gaúcho com suas esporas e ele a perguntar e responder: "Para quê?", "Pra nada!"

Como pensar-se que nesse mapa tão retalhado de contradições pairasse, como unidade intocável, o partido nacional com obediência capaz de romper a legítima fidelidade das correntes políticas locais, onde são mais autênticas porque mais próximas do povo.

A primeira consequência foi a corrida dos partidos, para fugir a essa regra, contorná-la, a registrar candidatos, digladiando-se os grupos internos, fracionando ainda mais a já quebrada vida dos partidos. Depois, a insegurança de quem coligava com quem, quem apoiava quem. Era a flutuação do jogo partidário? Não, era uma busca de fugir dos efeitos da verticalização.

A verticalização viola a lei mais fundamental da vida democrática, que se organiza num sistema de capilaridade de baixo para cima e não de cima para baixo.

Outro catalizador foi o escândalo do vale-rioduto que provocou a necessidade de encontrar meios de controlar o famoso caixa 2 das eleições. A primeira e mais fácil solução foi "tirar o sofá da sala", diminuir a demanda por dinheiro, evitando a transformação das eleições numa pandega de gastos com brindes, santinhos, showmícios em que as idéias que rolavam eram a de saber o que mais sucesso fazia: o heavy metal, rap, funk, banda de calcinha preta ou chicletes com abacaxi. E o candidato e as idéias? Era vaiado quem quisesse tratar dessas coisas. No mais, o glamour dos milionários programas eleitorais, disputa de agências de propaganda.

Nessa zorra veio a Copa e ninguém quer saber de convenção nem eleição. Restou o bivarcar e a apatia dos famélicos partidos a largar os pedaços e as vergonhas.